



Universidade Federal
de Campina Grande

Centro de Formação de Professores
Unidade Acadêmica de Educação
Campus de Cajazeiras - PB



FRANCIALDO LEITE CORDEIRO

**O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E CULTURA AFROBRASILEIRA NO
ENSINO FUNDAMENTAL I, NA CIDADE DE BONITO DE SANTA FÉ - PB .**

CAJAZEIRAS – PB
2015

FRANCIALDO LEITE CORDEIRO

**O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E CULTURA AFROBRASILEIRA NO
ENSINO FUNDAMENTAL I, NA CIDADE DE BONITO DE SANTA FÉ - PB .**

Monografia apresentada a Unidade Acadêmica de Educação, curso de Pedagogia do Centro de formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, UFCG, para obtenção do título de graduado em Pedagogia.

Orientadora: Dr^a Risomar Alves dos Santos

CAJAZEIRAS – PB
2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço- Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

C794e Cordeiro, Francialdo Leite
O ensino de história da África e cultura afrobrasileira no ensino fundamental I, na cidade de Bonito de Santa Fé-PB. / Francialdo Leite Cordeiro. Cajazeiras, 2015.
40f.
Bibliografia.

Orientador (a): Prof. Risomar Alves dos Santos.
Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Ensino de história da África- ensino fundamental.
 2. Escolas Públicas- município de Bonito de Santa Fé- Paraíba.
 3. Cultura afrobrasileira- ensino nas escolas. 4. Lei- 10.639/03.
- I. Santos, Risomar Alves dos. II. Título.

UFCG/CFP/BS

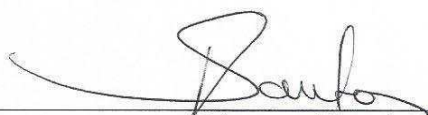
CDU -94(6):373.3

FRANCIALDO LEITE CORDEIRO

**O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E CULTURA AFROBRASILEIRA NO
ENSINO FUNDAMENTAL I, NA CIDADE DE BONITO DE SANTA FÉ - PB .**

Aprovada em 03 de 12 de 2015

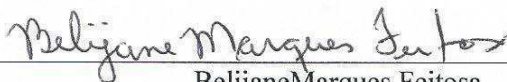
BANCA EXAMINADORA



Risomar Alves dos Santos
Orientadora



Stella Márcia de Moraes Santiago
Examinadora



Belijane Marques Feitosa
Examinadora

Ane Cristine Herminio Cunha
Suplente

AGRADECIMENTOS

À Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

Aos meus pais, **Francisco de Assis Cordeiro de Sá e Maria Leite de Lima Sá**.

A minha esposa, **Joncelma de Sousa da Silva** e a meus irmãos **Francisco Helton Leite Cordeiro, Maria do Socorro Leite Cordeiro e Ranikelle Leite Cordeiro**, por toda a compreensão, amor, incentivo e apoio incondicional

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração, que oportunizaram a janela que hoje vislumbro, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

A minha orientadora Dr^a **Risomar Alves dos Santos**, pelo suporte, correções e incentivos.

Agradeço a todos os amigos, professores, colegas de trabalho e de sala, que de alguma forma ajudaram para que eu atingisse meus objetivos. A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

"Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar"

Nelson Mandela

RESUMO

Este estudo referente ao ensino de História da África e Cultura Afrobrasileira teve a intenção de mostrar a visão errônea com que as escolas e os livros didáticos transmitem sobre o tema para seus alunos como aponta ainda que não está sendo cumprida a referida Lei bem como aponta as dificuldades que as escolas encontram para a sua aplicação, principalmente no que diz respeito à falta de formação dos professores para trabalharem essa temática, como também pelo fato da maioria dos educadores não reconhecerem ou se acomodarem com as dificuldades encontradas que possa facilitar a compreensão da História Brasileira. Sendo esta uma maneira de se fazer com que sejam quebradas as ideologias racistas e preconceituosas, transmitidas aos alunos de maneira totalmente distorcida e a importância dos negros africanos no processo de construção e formação da cultura brasileira. Através desta pesquisa intitulada “O ensino de História da África e cultura afrobrasileira no ensino fundamental I, na cidade de Bonito de Santa Fé – PB,” que teve como objetivos identificar o porquê dos professores não trabalharem de forma efetiva o ensino de História e Cultura Afrobrasileira na sala de aula, como também saber quais são as maiores dificuldades enfrentadas na aplicação da Lei 10.639/2003. A pesquisa foi realizada em três escolas públicas municipais do ensino fundamental I da cidade de Bonito de Santa Fé – PB. Os sujeitos da pesquisa foram dez professoras que se encontravam em sala de aula nas séries iniciais do Ensino Fundamental I. Como instrumento de coleta de dados foi trabalhado um questionário, com perguntas fechadas e abertas, composto por seis questões, ficando claro que as escolas não estão atendendo ao que determina a Lei 10.639/2003, como também muitos professores não tiveram uma formação voltada para o ensino desta temática, fazendo com que fique cada vez mais difícil combater o preconceito racial em sala de aula. Assim, percebemos que a escola, como também os educadores, precisam desenvolver estratégias pedagógicas para amenizar o preconceito racial na escola e na sociedade.

Palavras- chave: Lei 10.639/03. Ensino de História. Cultura Afrobrasileira.

ABSTRACT

This study concerning the teaching of African History and Afro-Brazilian Culture was intended to show the erroneous view that schools and textbooks convey on the subject to his students how points are still not being fulfilled this law and points out the difficulties that schools are for its implementation, particularly with regard to the lack of training of teachers to work this theme, but also by the fact that most educators do not recognize or accommodate themselves to the difficulties that may facilitate the understanding of history Brazilian. Racist and prejudiced ideologies, transmitted to students to totally distorted manner and the importance of black Africans in the construction process and formation of Brazilian culture and this is a way to have them broken. Through this research entitled "The teaching of African History and Afro-Brazilian culture in elementary school, in Bonito town of Santa Fe - PB," which aims to identify the teachers' why do not work effectively in the teaching of History and Afro-Brazilian Culture in the classroom, but also know what are the major difficulties faced in the implementation of Law 10.639 / 2003. The survey was conducted in three public elementary schools I the Beautiful city of Santa Fe - PB. Research subjects were ten teachers who were in the classroom in the elementary school initial series I. As data collection instrument was worked out a questionnaire with closed and open questions consisting of six questions, making it clear that schools do not They are responding to what to Law 10,639 / 2003, as well as many teachers have not had a dedicated training for teaching this subject, so that becomes increasingly difficult to combat racial prejudice in the classroom. Thus we see that the school, as well as educators, need to develop teaching strategies to mitigate racial prejudice at school and in society

Key words: Law 10.639 / 03. History teaching. Afro-Brazilian culture.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
1. A HISTORIA DA ÁFRICA E AFROBRASILEIRA: AVANÇOS E ENTRAVES	12
1.1.O ensino de História da África nas escolas.	12
1.2 Os Livros Didáticos e a História da África.	14
1.3 A lei 10.639/03: um pouco da história	17
1.4 Os professores e o ensino de História da África e da Cultura Afrobrasileira.....	19
1.5 O ensino afrobrasileiro	21
2.O COTIDIANO DOCENTE E A IMPLANTAÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E CULTURA AFROBRASILEIRA CONHECIMENTO E PRATICA	23
2.1- O ensino de História e Cultura Afrobrasileira nas escolas.....	23
3. CONSIDERAÇÕES	36
4. REFERÊNCIAS	38
5. APÊNDICE	39

INTRODUÇÃO

A História africana, por ser um tema bastante intrigante e ao mesmo tempo ainda com pouca visibilidade nos anos iniciais no Ensino Fundamental, me despertou a atenção para pesquisar e mostrar como essa temática é trabalhada nas escolas públicas municipais da cidade de Bonito de Santa Fé- PB. Meu interesse surgiu quando cursei a disciplina Educação, Cultura e Diversidade, me identificando muito com o tema e buscando conhecê-lo cada vez mais.

A maioria das escolas públicas municipais continua passando uma visão errada sobre o continente negro e muitas fazem de conta que não existe a Lei 10.639/03, a qual torna obrigatório o ensino de História da África e Cultura afrobrasileira no ambiente escolar, fato que me motivou a desenvolver esta pesquisa, na qual procuro analisar como as escolas estão trabalhando o ensino de História da África e de sua Cultura, como também da afrobrasileira.

Por ser um tema bastante importante e ao mesmo tempo tão desconhecido pela população, a escola deve ser o local onde se trabalhe essa temática de forma satisfatória para que amenize o preconceito e o racismo existente na sociedade. Segundo Costa, (2015, p, 8)“A escola tem um papel fundamental dentro da sociedade que é oportunizar conhecimentos aos educandos. No entanto, apresenta – se como um ambiente onde ocorrem diversas manifestações de preconceitos e discriminações, entre eles os que se referem as questões raciais”.

Por esses motivos, este trabalho intitulado “O Ensino de História da África e Cultura Afrobrasileira no Ensino Fundamental I, na cidade de Bonito de Santa Fé – PB” teve como objetivos identificar o porquê dos professores não trabalharem de forma efetiva, o ensino de História e Cultura afrobrasileira na sala de aula; investigar como escolas municipais têm trabalhado com o ensino de História da África e afrobrasileira, tendo em vista que atualmente, algumas ainda teimam em mostrar aos alunos uma visão errônea sobre o continente Africano, bem como averiguar se existe ou não o compromisso dessas escolas em trabalharem com a temática, bem como saber quais dificuldades enfrentadas na aplicação da Lei 10.639/2003 pelas professoras.

Este tema é considerado relevante para a aprendizagem dos alunos por muitos estudiosos, pois as escolas devem ensinar a História Africana de modo que não omitam a verdade, respeitando assim o que determina a Lei 10.639/03 de 09 de Janeiro de 2003, que visa o conhecimento e a valorização da História e da cultura da África e afrobrasileira, em todos os níveis e modalidades da Educação Básica.

Este trabalho teve o intuito de identificar que tipo de conhecimento e informações as escolas estão passando para os discentes, referente à civilização Africana e se dispôs, também, a averiguar se as escolas estão disponibilizando recursos pedagógicos para que os alunos tenham conhecimento sobre as verdades ocultadas em relação à história de uma civilização que foi massacrada, marginalizada e desprezada por um sistema que tentou maquiagem a verdade sobre esse continente.

No desenvolvimento deste trabalho chamou-me a atenção o descaso com que a maioria das escolas age com relação à implementação da referida Lei, alegando a má formação dos professores, somados as péssimas condições de trabalho e o preconceito encontrados nas escolas para com a História e a cultura africana e afrobrasileira.

A presente pesquisa se configurou de caráter exploratório, o que de acordo com Gonçalves (2003, p.65) significa

[...] aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa também é denominado “pesquisa base”, pois oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados.

A presente pesquisa foi realizada em três escolas Públicas municipais do Ensino Fundamental I, da cidade de Bonito de Santa Fé- PB. Os sujeitos da pesquisa foram dez professoras que atuam nas séries iniciais do Ensino Fundamental I. Como instrumento de coleta de dados foi trabalhado um questionário com perguntas fechadas e abertas, que segundo Oliveira, (2002. p.83)

O questionário pode ser definido como uma técnica para obtenção de informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre todo e qualquer dado que o pesquisador (a) deseja registrar para atender os objetivos de seu estudo. Em geral, os questionários têm como principal objetivo descrever as características de uma pessoa ou de determinados grupos sociais.

As análises dos dados foram feitas por meio do confronto entre a parte empírica obtida por meio da investigação e da parte teórica, concomitantemente estudada.

1. A HISTÓRIA DA ÁFRICA E AFROBRASILEIRA: avanços e entraves

Mais do que nunca o ensino da História deve estar ancorado no presente, sendo que na sociedade globalizada em que vivemos os problemas que atingem o povo brasileiro afligem também outros povos. Com base no conhecimento científico, a História vem contribuir para a formação intelectual do educando, em um ambiente pluricultural como é a sala de aula, levando-o a discernir, apreciar, julgar e raciocinar, de forma reflexiva. Assim, a sua identidade cultural, estabelece diálogo entre as diferentes culturas, para que possa refletir criticamente, sobre as contribuições culturais geradas no seio da sociedade. Para Santos, (2013, p. 46)

Reverenciar a contribuição cultural dos vários grupos sociais, étnicos, profissionais, religiosos e outros que formaram e formam o povo brasileiro, contextualizando-as no espaço e no tempo, privilegiando os sujeitos coletivos, os grupos sociais, as mentalidades coletivas e não mais os indivíduos isolados, os grandes personagens, seus feitos e ideias.

À medida que não olhamos de maneira preconceituosa e atribuímos o devido valor a cultura afrobrasileira, estamos contribuindo para que se amenize a desigualdade racial ainda presente em nossa sociedade, fazendo com que os descendentes de africanos não sejam mais vistos como seres inferiores, e isolados mas sim, como personagens que tem um ideal

1.1 O ensino de História da África nas escolas.

Sabemos que, atualmente as escolas em geral, ainda passam uma visão errônea e desqualificada do continente africano, mostrando uma realidade que foi construída de acordo com a vontade dos colonizadores, passando uma imagem do negro como ser irracional, burro e incapaz de construir sua própria história. Como diz Hernandez (2005, p. 18)

Os africanos são identificados com designações apresentadas como inerentes às características fisiológicas baseadas em certa noção de raça. Assim sendo, o termo africano ganha um significado preciso: negro, ao qual se atribui um amplo espectro de significações negativas tais como frouxo, fleumático, indolente e incapaz, todas elas convergindo para uma imagem de inferioridade e primitivismo.

Dessa forma, fica claro o descompromisso das escolas em transmitir a história africana dentro da sala de aula, mostrando as barbáries que o continente e a civilização negra passaram durante a escravidão e continuam passando, devido o desprestígio e o desrespeito que o povo africano sofreu e ainda sofre.

As escolas municipais quando vão trabalhar a disciplina de História do Brasil, começam os estudos a partir da chegada dos portugueses para a colonização do território brasileiro, exaltando os colonizadores e negando negros e índios, fazendo com que os alunos tenham uma visão errada sobre esse grupo. Nega-se assim a participação desses dois grupos na construção da História e da Cultura Brasileira.

Nesse contexto, os negros foram forçados a desenvolverem o país levando muitos produtores de cana e café a ganharem fortunas na época da escravidão. No entanto, os escravos eram vistos apenas como simples mercadorias, seres sem vida, sem ideal, sem história e muito menos com desenvolvimento racional para produzir uma cultura. Infelizmente é o que algumas escolas ainda transmitem para seus alunos, como afirma Fernandes, (2005, p. 380)

Os africanos, que aportaram em nosso continente na condição de escravos, são vistos como mercadoria e objeto nas mãos de seus proprietários. Nega-se ao negro a participação na construção da história e da cultura brasileira, embora tenha sido ele a mão-de-obra predominante na produção da riqueza nacional, trabalhando na cultura canavieira, na extração aurífera, no desenvolvimento da pecuária e no cultivo do café, em diferentes momentos do nosso processo histórico.

Diante de tais fatos fica visível que os livros adotados pelas escolas, em sua maioria, ainda fornecem um ensino que em vez de mostrarem os negros como cidadãos que ajudaram na construção da cultura e do processo histórico, ainda insistem em mostrar os negros como objetos desvalorizados.

As instituições de educação devem repensar o seu papel e suas estratégias para a formação cultural e profissional do indivíduo, enquanto participante da comunidade. O ensino de História e cultura africana e afrobrasileira deve sempre está em constante construção e reconstrução de conhecimentos e saberes históricos dentro da escola, para que se tenha um ambiente voltado para o respeito e, sobretudo, para a amenização do preconceito e do racismo ainda existentes.

1.2 Os Livros Didáticos e a História da África.

Geralmente, as escolas, por meio dos livros didáticos, como também do discurso, ainda passam para os alunos uma visão de África em um estado de selvageria, na qual seus habitantes são caracterizados como selvagens. Mostram também que os negros eram sujeitos sem vontade racional, pessoas que alcançaram a condição de liberdade, mas continuaram sendo vistos como inferiores, como aponta Fernandes, (2005, p. 380)

Os livros didáticos, sobretudo os de história, ainda estão permeados por uma concepção positivista da historiografia brasileira, que primou pelo relato dos grandes fatos e feitos dos chamados “heróis nacionais”, geralmente brancos, escamoteando assim, a participação de outros segmentos sociais no processo histórico do país. Na maioria deles, despreza-se a participação das minorias étnicas, especialmente índios e negros. Quando aparecem nos didáticos, seja através de textos ou de ilustrações, índios e negros são tratados de forma pejorativa, preconceituosa ou estereotipada. (sic)

Podemos afirmar que o conteúdo apresentado na maioria dos livros didáticos sobre a História da África apresenta total desconhecimento da sua realidade e a retrata como inviável, social, cultural e economicamente, demonstrando total descompromisso com a História africana, no ambiente escolar, deixando claro que existe um descaso quando se trata de esclarecer os mitos sobre a verdadeira História africana.

Assim, entendemos que fica impossível abrir o nosso olhar para outra imagem desse continente, caso não passemos a ensinar a real História africana aos alunos, como meio de romper com o eurocentrismo, que caracteriza a formação escolar no Brasil.

Mesmo com as renovações teóricas da disciplina de História, os livros didáticos ainda trazem o negro como personagem secundária, com breves contextualizações sobre a cultura africana, dando maior ênfase aos processos de expansões marítimas vividas pela Europa, enquanto a figura do negro é vista de forma superficial, o que leva os alunos a enxergarem os africanos somente como seres para o trabalho, ou seja, apenas como mão-de-obra barata.

Todavia, nos livros didáticos pode-se perceber que os capítulos referentes à história e cultura negra ainda apresentam o tema da escravidão, não mostrando a importância da África e dos negros para a sociedade que são vistos pela classe estudantil como insignificantes, desconsiderando, as lutas, os direitos e, sobretudo, a importância dos negros africanos no processo de construção da história e da cultura brasileira. Fato esse que contribui para a

evasão e repetência escolar de crianças descendentes do grupo étnico negro e, conseqüentemente, pobres, como nos fala Fernandes (2005, p. 380-381))

Currículos e manuais didáticos que silenciam e chegam até a omitir a condição de sujeitos históricos às populações negras e ameríndias tem contribuído para elevar os índices de evasão e repetência de crianças provenientes dos estratos sociais mais pobres. A grande maioria adentra nos quadros escolares e sai precocemente sem concluir seus estudos no ensino fundamental por não se identificarem com uma escola moldada ainda nos padrões eurocêntricos, que não valoriza a diversidade étnico-cultural de nossa formação.

Sabendo que a escola, ainda moldada nos padrões eurocêntricos, que não dá importância à cultura africana e afrobrasileira, fica visível o desafio para que se possa implantar em seu currículo, o ensino da cultura africana e afrobrasileira, visto que a mesma insiste em negar as contribuições que este ensino traz para os alunos, possibilitando diminuir o preconceito e a discriminação na sociedade.

Mas, a escola adota um silenciamento, uma omissão da história cultural africana e afrobrasileira, o que deixa lacunas e esquecimentos, provocando um silêncio perturbador sobre a importância que a cultura africana teve e tem para o processo de formação cultural e histórica do Brasil, como as contribuições do povo negro para a vida social, econômica e cultural brasileira. Como afirma Pantoja (apud Oliva, 2009, p. 160).

O silêncio diz muito: historicamente o continente é visto invariavelmente como o formador de escravos. Hoje em dia surge suprir as muitas falhas referentes ao ensino da dinâmica histórica da África e de diferentes abordagens da cultura negro-africana além das relações daquele continente com as Américas e não só com o Brasil (...). A idéia de uma África a-histórica provocada pela colonização européia, infelizmente, ainda é predominante no nosso país

Diante de tais fatos é possível perceber que a história africana e a cultura afrobrasileira ainda precisam ser levadas a sério no ambiente escolar, uma vez que há uma carência de que essa história seja conhecida, debatida e tratada de forma a minimizar os preconceitos existentes em se tratando de África, devido à desinformação e silenciamento sobre sua história, leva os alunos ao desconhecimento de suas raízes culturais africanas, fato confirmado pela autora Laureano, (2008, p. 338)

Se agora não se aprende nos bancos acadêmicos sobre a África, há algum tempo atrás também não. Dessa forma, os professores, que estão atuando, não viram a história da África e, possivelmente, encontram dificuldade para ter acesso às informações que lhes possibilitam aplicar a lei. Muitos educadores atentam para a importância do conteúdo, uma vez que sabem que a história do Brasil está interligada pela história da África. Mas, para além da vontade, inúmeros fatores os empurram para a comodidade e isso não ajuda quando se chega à sala de aula sem o conhecimento adequado sobre determinado assunto. Restam, portanto, os livros didáticos que em termos de boas referências sobre a história da África são poucos.

Diante dos fatos e argumentos fica claro que os livros didáticos dão pouca importância a abordagem da História e da Cultura Africana e Afrobrasileira, provocando um desconhecimento e um silenciamento por parte da escola em relação à África, conforme afirma Borges, (2010 p. 76).

O sistema educacional brasileiro não contempla nossa herança cultural, formada a partir das heranças culturais europeias, indígenas e africanas. Os livros didáticos apresentam uma visão eurocêntrica da História de nosso país, perpetuando estereótipos e preconceitos. A aprovação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, substituída, em 2008, pela Lei 11.645/08, que inclui também o ensino de História e Cultura Indígena, vem sanar uma dívida social e uma lacuna, a ausência em nossa história desta diversidade cultural. (Sic.)

O ensino de História e Cultura da África nas escolas em pleno século XXI ainda é insuficiente e muitos alunos desconhecem a história do continente negro e suas contribuições para a cultura brasileira. Percebe-se, também que os povos negros e afrodescendentes clamam por igualdade e reconhecimento, sobretudo pelo direito de serem vistos como seres humanos.

Assim, a escola necessita urgentemente fazer com que o ensino de História da África e cultura afrodescendente seja efetivado e permita a comunidade perceber a população negra igual a todos os outros povos, independente da cor de sua pele ou descendência. Só assim a sociedade brasileira conseguirá respeitar nossa herança cultural, como também pagar a dívida que tem para com os afrodescendentes.

Em suma, o livro didático constitui-se como um instrumento no processo de socialização do conhecimento verdadeiro sobre o ensino de História e Cultura Africana e Afrodescendente, tendo o professor como mediador. A função específica do livro é auxiliar o educador na mediação do saber, o qual deve utilizar esse instrumento de forma racional,

ajudando-o a democratizar e socializar o conhecimento, com possibilidade de crítica, como afirma Barros (2010, p.26)

O livro didático em pleno século XXI permanece autoritário. “Camufla” o modo de produção das representações que fornece a sua relação com os meios históricos, com as problemáticas contemporâneas que determinam a sua elaboração, impede ao estudante a possibilidade de ver como tudo se origina e de ser ele o sujeito histórico.

Ainda temos livros didáticos que apresentam uma visão errônea dos negros, gerando conflitos e, muitas vezes, não contribuindo para que seja respeitada a história e cultura africana, livros estes que omitem e não fornecem pistas de como os alunos devem buscar conhecerem novas histórias e culturas diferentes das suas.

1.3 A lei 10.639/03: um pouco da história

A Lei 10.639/03 foi uma das conquistas do movimento social negro em prol da luta pela igualdade social. A mesma foi sancionada pelo então presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, no dia nove de janeiro de 2003, tornando obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afrobrasileira nos estabelecimentos de Educação Básica, sejam eles oficiais e/ou particulares. Essa Lei obriga as escolas a ensinarem a importância dos afrodescendentes no Brasil, e de sua cultura na formação da sociedade brasileira, principalmente nas áreas correspondentes à História, Educação Artística e a Literatura. Conforme Lima (2010, p.29)

Uma das frentes de luta quanto à valorização social do negro foi, sem dúvida alguma, a implantação da Lei 10.639/03. Com relação a isso, faz-se necessário entender qual a importância de desenvolver nas escolas um trabalho com a história da África. Qual a relação entre essa proposta e a valorização social do negro. Percebe-se que, para muitos estudantes afrodescendentes, o conhecimento adquirido na escola é um processo de alienação sobre sua própria história, pois, ao abrir os livros escolares acabam lendo a história de como os portugueses, italianos, japoneses, entre outros ajudaram na construção desse país. O negro entra na história contada no livro, na condição de exploração, de escravo, causando, com certeza, a sensação de não pertencimento à humanidade. (sic)

A obrigatoriedade do ensino de história e cultura afrobrasileira nas grades curriculares da Educação Básica pode ser visto como um marco positivo na História da Educação

Brasileira, pois o objetivo não foi somente garantir o direito aos afrodescendentes de conhecerem sua história, como verdadeiramente é, mas sim ampliar o foco e a visibilidade dos currículos escolares no tocante a diversidade cultural, racial, econômica e social, cabendo às escolas incluírem textos e atividades que abordem diariamente a importância e as contribuições dos povos africanos.

Assumindo esse papel, a escola vai contribuir para o combate ao preconceito e a discriminação social e racial do negro em seu meio, como também na sociedade, visto que estará formando cidadãos livres do racismo e do preconceito. Assim afirma Borges, (2010, p. 74)

Sem dúvidas, assumir essas responsabilidades implica compromisso com o entorno sociocultural da escola, da comunidade onde se encontra e a qual serve. Implica ainda o compromisso com a formação de cidadãos atuantes e democráticos, capazes de compreender as relações sociais e étnico-raciais das quais participam e que ajudam a manter e/ou a reelaborar.

Sendo assim a obrigatoriedade do estudo das relações étnicorraciais propõe situações de aprendizagens que aproximam brancos e negros, proporcionando troca de conhecimentos, além de ajudar na quebra da superioridade, como também amenizar o racismo e as discriminações que geralmente acontecem dentro da escola. O ensino dessa cultura deve ser visto em sua realidade e não de forma estereotipada como, ainda é passada aos alunos. Com base no que diz Ferreira, (2005, p.236).

A História e Cultura Afro-Brasileira quando não invisibilizada tem sido folclorizada e estereotipada nos conteúdos didáticos, bem como as contribuições dos povos indígenas. Os desafios são muitos para a superação dessas dificuldades e o papel das universidades e agências nacionais e estaduais de fomento é central, tendo em vista os entraves que as hostes acadêmicas têm colocado para assumir uma ética na produção de conhecimentos que reflitam um novo compromisso com a teoria, como um espaço muito mais amplo de trocas

Analisando a fala acima, a cultura afrobrasileira por sua vez está sendo repassada para os alunos de forma maquiada, utilizando apenas o aspecto folclórico, mas a função das escolas e universidades é desmistificar essa visão, mostrando a verdadeira influência da história africana em nossa educação, como também em nossa história cultural.

1.4 Os professores e o ensino de História da África e da Cultura Afrobrasileira

Nossos professores nem sempre buscam novas formas para trabalharem com a história africana de modo a diminuir os estereótipos existentes, isso porque, muitas vezes, só trabalham em datas comemorativas como: dia da consciência negra, de Zumbi dos Palmares, da abolição da escravatura, do índio, deixando claro seu despreparo com relação à importância das diversidades existentes, como afirma Barros (2010, p.12)

O ensino deve atender as necessidades culturais e sociais, pois a escola do século XXI necessita organizar seu Projeto Político Pedagógico, na intenção de desenvolver um currículo de forma integrada, flexível de maneira que os conteúdos, mesmo que ainda organizados em disciplinas, ou não, sejam abordados por temas. Por sua vez, deve-se mantê-las articuladas com a intenção de que os saberes construídos pelas crianças venham a ajudá-los na análise, interpretação, compreensão e problematização dos fatos e dos fenômenos da realidade complexa em que vivem. Desse modo, o professor se vê diante de diferentes desafios, entre os quais, o de encontrar o meio termo entre o desafio à lógica disciplinar e a sistematização dos conteúdos.

O professor para colocar em prática e trabalhar com o ensino de História da África e Cultura Afrobrasileira enfrenta obstáculos como, desinformação, falta de material pedagógico, o que o leva, muitas vezes, a se acomodar e desistir de trabalhar a temática, em virtude de barreiras, desafios, e preconceitos existentes, como afirma Laureano, (2008, P.341).

O caminho da desistência, quanto a um ensino de história crítico, parece estar bem próximo do professor principalmente o de escola pública. E aí se encontra um paradoxo: ao mesmo tempo em que, nos dias de hoje, existe maior liberdade para que o professor de escola pública desenvolva seu trabalho em sala de aula, existe também maior dificuldade em buscar o conhecimento, buscar aperfeiçoamento e de ir além de um mero ensino repetitivo e sem sentido para o aluno. (SIC)

Nessa fala, percebe-se que os professores parecem acomodados, uma vez que não recebem capacitação e também não vão em busca de outras possibilidades formativas, ficam sempre na mesmice, trabalhando sem atualização para enfrentarem dificuldades encontradas na profissão, como por exemplo, o preconceito e o racismo contra crianças negras dentro da

sala de aula. Muitas, vezes não sabem identificá-los e quando identifica-os não sabem como agir devido a desinformação e desconhecimento das maneiras de problematizar tais questões.

O fato de na maioria das vezes o professor está desinformado e o livro utilizado passar uma imagem de que o continente africano é marcado por guerras étnicas, miséria e doenças reforça uma visão racista e preconceituosa existente na sociedade e faz com que os afrodescendentes sejam submetidos a várias discriminações. Como diz Fernandes, (2005, p.384).

Um dos gargalos do sistema educacional brasileiro reside na qualificação do corpo docente, sobretudo os que exercem o magistério nas séries iniciais do ensino fundamental. Esses professores, na sua grande maioria de formação polivalente e sem curso superior, precisam estar habilitados a trabalhar com essa nova temática curricular. Sugere-se para tanto, um esforço por parte dos órgãos governamentais ligados a área de promoção da igualdade racial, no sentido de oferecer em parceria com as instâncias educacionais, cursos de extensão sobre a história da África e de cultura afro-brasileira, bem como a publicação de material didático pedagógico que possa dar suporte técnico a atuação desses docentes no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.(SIC)

Tomando por base a citação acima percebemos que o professor ainda está muito carente de novas informações sobre o ensino de história e cultura afrobrasileira e em sala de aula suas metodologias de ensino reforçam o silêncio existente sobre a questão racial, devido a uma formação frágil e deficitária, como afirma Costa, (2015, p, 26).

[...] o educador necessita de uma formação específica para sua prática pedagógica, para que possa saber lidar com as situações de conflitos que ocorrem em sala de aula em relação ao educando negro. Será através da formação específica que o professor terá condições de conhecer a história e a cultura do povo negro e trabalhar no sentido de desconstruir o equívoco contido nos livros didáticos que vem reforçar cada vez mais o preconceito, inferiorizando e desumanizando esse grupo.

Existem muitos livros, textos e artigos que discutem a formação dos professores, no entanto pouco se fala a respeito da formação do professor frente à diversidade de culturas e história negra e africana, mostrando que o quadro educacional brasileiro ainda tem pouco interesse acerca desse assunto, como aponta Ferreira, (2005, p.229).

Nesse contexto, merece atenção os chamados “velhos problemas” em relação à formação de professores, que evidenciam desarticulações em diferentes níveis, sendo considerado como o mais preocupante deles, a desarticulação entre teoria e prática, entre o discurso e a ação, o que se configura de grande gravidade no tocante às questões raciais no Brasil

Diante do exposto, é necessário investir na formação do professor para que se passe a construir um currículo que venha a contemplar todas as áreas do conhecimento, voltadas principalmente para a equidade social e a atenção a diversidade cultural, no qual o professor estará assumindo um pacto social, no sentido de minimizar cada vez mais o preconceito racial, como também o descompromisso e a omissão na inclusão da cultura Afrobrasileira no processo de construção da história brasileira.

1.5 O ensino afrobrasileiro

Sabendo que o ensino da história afrobrasileira é difícil de ser trabalhado percebemos que precisa de fiscalizações rígidas, no intuito de fazer com que se torne ferramenta obrigatória dentro do currículo propondo um ensino com visão ampla e sem preconceito das civilizações africanas focado na formação e afirmações de identidades, com abertura as pluralidades, sejam elas étnicas religiosas ou culturais, que desafiem o preconceito e levem em conta o contexto social no qual os alunos estão inseridos. Assim diz Fernandes, (2005,p. 382)

Somente o conhecimento da história da África e do negro poderá contribuir para se desfazer os preconceitos e estereótipos ligados ao segmento afrobrasileiro, além de contribuir para o resgate da autoestima de milhares de crianças e jovens que se veem marginalizados por uma escola de padrões eurocêntricos, que nega a pluralidade étnico-cultural de nossa formação.

O ensino oferecido pelas escolas deve atender as necessidades culturais e sociais dos alunos, uma vez que precisa urgentemente organizar seus projetos políticos pedagógicos, visando cada vez mais desenvolver currículos que considerem aspectos da cultura africana, visando reduzir cada vez mais a visão marginalizada ainda imposta ao povo negro.

Feito isto a escola estará rompendo com o silêncio a que os negros estão submetidos no ambiente escolar, proporcionando aos estudantes descendentes de escravos construir uma nova imagem de si perante a sociedade, ainda preconceituosa. Para que esse preconceito seja quebrado é preciso a participação da escola em geral, investindo na qualificação dos

professores, para que desenvolva trabalhos com a diversidade no ambiente escolar. Este é o desafio que a escola tem que vencer, conforme Laureano, (2008, p. 340)

O andar ainda é lento em todos os níveis de ensino quanto à busca de conhecimento sobre a África e, até mesmo, sobre a escravidão moderna que causou tantas mazelas àquele continente e que o aproximou do Brasil. Muitos trabalhos acadêmicos foram feitos com a temática escravidão, mas muito pouco disto chegou aos professores que atuam no ensino regular.

Há mais de uma década, o ensino da história e da cultura afrobrasileira ocupa um lugar ainda pouco reconhecido pela sociedade brasileira, uma vez que no currículo das escolas, esbarram obstáculos criados pelo próprio sistema de ensino, que não incentiva os profissionais da educação, nem os capacita de forma adequada para trabalhar a temática em discussão, visando fazer com que fiquem mais atualizados, para que possa agir diante das diversidades existentes no ambiente escolar.

2. O COTIDIANO DOCENTE E A IMPLANTAÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA E CULTURA AFROBRASILEIRA: CONHECIMENTO E PRÁTICA

Neste capítulo, foram analisados os dados coletados por meio de questionário aplicado as professoras participantes da pesquisa. As análises dos dados foram organizadas a partir das respostas obtidas com as pesquisadas e tiveram como suporte teórico: Barros, (2010); Costa, (2015); Borges, 2010; Fernandes, 2005; Ferreira, (2005); Hernandez, (2005); Laureano, (2008); Lima, (2010); Oliva, (2009); Fiabani (s/d)

2.1- O ensino de História e Cultura Afrobrasileira nas escolas.

Ao serem questionadas se conheciam a Lei 10.639/2003 e sua complementação, a 11.645/2008, das dez professoras pesquisadas, quatro responderam que não conheciam a referida Lei, nem tampouco a sua complementação. As outras seis docentes disseram que conheciam as Leis citadas, como verifica-se nas falas a seguir

“Não, não tenho conhecimentos prévios sobre essa lei, e sua complementação” (Professora H)

“Não, apenas tive conhecimento fragmentado” (Professora I)

“Sim, e a Lei que implementa ao currículo escolar a História e cultura afrobrasileira, o que é muito importante para conhecermos nossa cultura”(Professora A)

“Sim, a Lei 10.639/2003 e sua complementação 11.645/2008 visa estabelecer a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afrobrasileira e Indígena nos currículos oficiais da escola, no ensino fundamental e médio com o objetivo de tornar conhecida as lutas, resistências, a cultura negra e indígena, como também a importância do negro e do indígena na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro e indígena na área social e política pertinentes na História do Brasil” (Professora E).

Diante das afirmações das professoras notou-se que as mesmas não têm um conhecimento prévio das leis apontadas acima, mostrando que estão em sala de aula sem capacitação para trabalharem a temática no ambiente escolar, ficando claro que os alunos não estão recebendo conhecimento adequado sobre a história e cultura africana e afrobrasileira, devido seus educadores desconhecerem a referida Lei. De acordo com Borges, (2010, p.7)

Outras medidas urgentes se fazem necessárias: é preciso que os cursos de Licenciatura apresentem disciplinas que discutam a temática História e Cultura Afro-Brasileira e indígena, oferecendo assim embasamento teórico aos futuros professores. Faz-se urgente ainda envolver a comunidade escolar em um projeto de discussão, de problematização e de engajamento em ações concretas que visem à valorização da diversidade cultural brasileira.

Neste sentido, foi possível perceber com base na fala das professoras e da autora que os cursos superiores precisam dar uma atenção redobrada para que cada vez mais a Lei 10.639/2003 e sua complementação 11.645/2008 não fiquem no desconhecimento dos professores, como também dos alunos, ocultando a História Africana e sua Cultura, usando o ambiente escolar para a divulgação e implementação das referidas leis e de suas contribuições para a formação dos alunos, como também para o reconhecimento e fortalecimento da cultura negra na nossa sociedade. Com base nessas questões Ferreira, (2005, p.3) afirma

De modo singular as investigações em torno da formação profissional docente têm desconstruído certezas e, principalmente, vêm revelando diferentes possibilidades de estudos e de pesquisas, pois, na medida em que questionam a formação meramente técnica, indicam novos paradigmas de formação assentados na compreensão de que o processo formativo por si só não assegura a efetiva preparação profissional do professor.

Contudo, percebeu-se que somente a formação profissional do professor não fará com que o mesmo desempenhe uma profissionalização que contemple conhecimentos sobre as mais variadas temáticas, levando, muitas vezes, as escolas em que estes profissionais trabalham a repassarem conhecimentos defasados e frágil sobre a cultura africana na construção da sociedade brasileira.

Ainda sobre esse assunto, Costa (2015, P.29) afirma “[...] na maioria das vezes, o professor silencia diante de tais manifestações que marcam negativamente esse grupo por toda a vida e esse silêncio se deve também pelo fato do negro desconhecer sua própria origem étnica”. Conforme as falas das professoras pesquisadas e dos autores percebeu-se a falta de interesse por parte dos educadores, como também das instituições de ensino, em apontarem novos caminhos para que os alunos fiquem informados sobre os descendentes de africanos e de sua importância na nossa história.

Os africanos foram grandes influenciadores de nossa cultura, mas devido a uma história de omissão por parte de grupos dominantes e instituições de ensino ainda são vistos

de forma preconceituosa, desprezível e sem importância na sociedade, visão esta reforçada por um sistema educacional que ainda prioriza costumes eurocêntricos.

Quando as professoras foram questionadas se durante seu tempo de trabalho passaram por alguma capacitação para aplicar a Lei em sua prática pedagógica, nove pesquisadas responderam que não tiveram nenhuma capacitação para a sua aplicação em sala de aula, como demonstra as falas

“Não, ainda não foram ofertadas pelas escolas públicas capacitação nessa área.” (Professora B)

“Não, nunca passei por nenhuma capacitação para aplicar a referida Lei em minha prática pedagógica isso porque a temática é abordada somente em datas específicas a exemplo da temática indígena que era abordada antes ou depois do 19 de abril, a africana também na semana do dia 20 de novembro, que é obrigatório, está no calendário oficial escolar”. (Professora E)

“Não, temos apenas formação continuada, mas não nesta área especificamente”. (Professora I)

Com base nas falas acima, pode-se afirmar certo desconhecimento das participantes referente a Lei 10.639/2003 e o ensino de História e Cultura Afrobrasileira, pelo fato de não terem recebido uma capacitação adequada para aplicação da mesma em sala de aula, visto que recebem formações continuadas diretamente ligadas a temática, provocando assim, o desconhecimento.

Fica evidente, nas respostas das professoras, que mesmo as Secretarias de Educação não oferecendo capacitação sobre a temática, nenhuma delas se manifestou no sentido de procurar por conta própria uma capacitação, ou pelo menos fazer leituras sobre o que afirma a Lei 10.639/2003, mostrando também desinteresse.

Segundo Ferreira (2005), nos cursos de Pedagogia e demais licenciaturas, pouco tem sido feito após a promulgação da Lei acima referida para sua operacionalização. Ainda se percebe certo descaso da maioria das instituições de ensino para contemplar em seus projetos pedagógicos conteúdos voltados para o tema, com o objetivo de instrumentalizar os futuros educadores.

Tal ação levaria a um processo de mobilização, de modo a redimensionar ações educativas em relação a conteúdos, metodologias, recursos didáticos e práticas avaliativas, que valorizassem e difundissem os conhecimentos oriundos da matriz cultural negro africana e, principalmente, possibilitasse um tratamento adequado das questões raciais em sala de aula.

Com base nas respostas das professoras e diante do que fala a autora acima foi possível afirmar que as instituições de formação profissional, inclusive as escolas não estão trabalhando de forma efetiva, a temática e também não oferecem formação continuada específica na área de História e cultura afrobrasileira, gerando assim formação e capacitação deficitárias, como afirma Ferreira, (2005, p.5)

“É compreensível que a prioridade seja dada inicialmente aos profissionais que já estão dentro das escolas. Mas na medida em que não se procura fazer paralelamente à formação continuada a formação dos futuros professores dentro dos cursos de pedagogia e demais licenciaturas, se empurra o problema para adiante. O profissional se inicia no mercado de trabalho sem um conhecimento necessário mas depois ele retorna para a faculdade — através formação continuada — implicando num gasto duplo para o governo, no caso de instituições públicas”.

Percebe-se ainda com base nas respostas obtidas com as professoras que as mesmas carecem de uma capacitação urgente sobre a temática, visto ser importante para que as mesmas consigam lidar com as mais diferentes situações existentes na escola, referentes ao preconceito e a desinformação referente ao negro no processo de formação da cultura brasileira.

Com base nas respostas obtidas, foi possível afirmar que as pesquisadas não estão preparadas para lidarem com a diversidade em sala de aula, uma vez que não foram capacitadas para tal e também não buscaram por conta própria capacitações que as ajudem a tratarem de forma correta as diferenças étnicorraciais existentes na escola. Para Laureano (2008, p.341)

“O caminho da desistência, quanto a um ensino de História crítico, parece estar bem próximo do professor, principalmente o de escola pública. E aí se encontra um paradoxo: ao mesmo tempo em que, nos dias de hoje, existe maior liberdade para que o professor de escola pública desenvolva seu trabalho em sala de aula, existe também maior dificuldade em buscar o conhecimento, buscar aperfeiçoamento e de ir além de um mero ensino repetitivo e sem sentido para o aluno”.

Ficou visível também que as professoras em momento algum falaram se procuraram uma formação ou capacitação para aplicação da referida Lei, deixando claro o comodismo em esperar somente pelas capacitações oferecidas pelas secretarias de educação dos municípios,

confirmando o que diz Laureano (2008, p.342), "O profissional que fica isolado em sua classe escolar, dificilmente vai além do que já sabe para ensinar e debater com os alunos".

Ainda hoje temos alto índice de racismo e preconceito ocorrendo na escola, devido a um conhecimento deficitário, que não contribui de forma efetiva para amenizar os preconceitos existentes, o que leva muitos alunos negros e descendentes de negros a desistirem da escola, por não verem nessas instituições pessoas preparadas para combater os desrespeitos que sofrem diariamente.

O professor não deve se acomodar, pelo contrário, deve sempre buscar novos conhecimentos, novas aprendizagens para o ensino de História e Cultura Africana, assim estará contribuindo para que nossos antepassados não tenham negada sua História perante as novas gerações. Fazendo isso o professor estará contribuindo para o reconhecimento da cultura negra e afrobrasileira, o que afirma Barros (2010, p.35)

O reconhecimento legal em torno da extrema diversidade do continente africano, sem falar da afinidade histórica e herança cultural entre Brasil e África, faz-se necessário salientar que a Lei 10.639/2003 é uma conquista para a Sociedade Brasileira. Um importante passo para a construção de uma sociedade mais igualitária no que tange às relações raciais. Agora a tarefa do educador é se "capacitar" para discutir a história dessa Lei, e dos assuntos pertinentes a temática entendendo-a como uma das muitas lutas do movimento negro brasileiro na busca pela igualdade de direitos e respeito. (sic)

Diante da citação acima podemos afirmar que fica difícil o educador desenvolver um ensino de qualidade sem que o mesmo tenha recebido ou procurado uma capacitação que venha a ajudar no conhecimento dos afrodescendentes e também amenizar o preconceito e o racismo na escola. Sobre esta questão Costa,(2015, p.31) afirma

Assim, entendemos que se torna difícil para o educador trabalhar em uma sala de aula na qual há o encontro de diferentes grupos étnicos socializando-se entre si e durante essas vivências ocorrem diversas manifestações de preconceitos em relação ao educando negro. Contudo diante dessas situações o professor silencia, pois não sabe como agir por não dispor de conhecimento suficiente para combater os conflitos étnicos que surgem.

Visto que muitos educadores tiveram uma formação fragilizada fica evidente que os mesmos sofrem muito em sala de aula por não saberem qual forma usarem para combater o preconceito que acontece no ambiente escolar, como também nota-se um certo

acomodamento dos docentes em não buscarem uma formação continuada por conta própria sobre a temática.

É importante que os docentes busquem se qualificarem através de formações continuadas sobre a temática e sobre as lutas que este povo enfrentou e enfrenta ainda hoje fazendo resgates históricos sobre o povo africano, para que sejam reconhecidos pelo que são e não pela cor de sua pele, que leva a uma visão de inferioridade pelo fato de já terem sido escravos no passado, em relação a esses posicionamentos Lima, (2003,p.17)destaca

Portanto, conhecer a luta do negro no espaço educacional é necessário para fomentar estudos dessa natureza e também, porque é de suma importância esse resgate histórico, visto que, no atual contexto em que vivemos essa problemática de estudos sobre as trajetórias educacionais do negro no Brasil, são temas “(...) que, além de terem sido desconsiderados nos relatos oficiais da história oficial da educação, estão sujeitos ao desaparecimento” (Sic)

Analisando as respostas de algumas professoras percebeu-se que muito dos educadores não tiveram uma disciplina específica que trabalhasse a temática, o que contribuiria e muito para que tivessem conhecimento das Leis, como também da importância da mesma para os descendentes de africanos, como destaca Fiabani, (s/d, p.3)

Atualmente, as universidades brasileiras oferecem em seus cursos disciplinas específicas sobre História da África e cultura afrobrasileira. No entanto, a maioria dos professores que concluíram seus estudos no período anterior à Lei 10.639/03 não recebeu esta formação. Faz-se necessário complementar a formação destes professores para que os mesmos lecionem conteúdos relacionados a esta temática e as escolas cumpram a referida Lei (Sic)

É importante que as universidades trabalhem de forma efetiva a temática referente à lei 10.639/2003 e que ofereçam capacitações, juntamente com as secretárias municipais de educação, voltadas para o reconhecimento e fortalecimento das lutas dos movimentos negros na busca do seu espaço, sem preconceito e sem omissão da história do continente negro e de seus descendentes, uma vez que os educadores são o meio mais acessível de fazer com que se conheça, de fato essa temática e sua representação no cenário brasileiro, como diz Oliva, (2009, p.168)

[...] ao mesmo tempo em que a legislação específica sobre a inclusão da História da África nas escolas brasileiras pode ser considerada um avanço no

campo da prescrição, o debate com nossos africanistas sinaliza para a evidente constatação de que mesmo com as iniciativas vivenciadas nos últimos anos, muito ainda está por ser feito. A formação de especialistas na área, a publicação de mais textos e a realização de mais investigações sobre o tema, a necessidade de melhor definir o que pode ser trabalhado em sala de aula e, fundamentalmente, desconstruir um grande número de estereótipos e falsas imagens sobre a África e as sociedades africanas, são algumas de suas indicações. Sendo assim a perspectiva de mudanças só poderia se concretizar com a contínua e crescente atenção dedicada ao tema seja nos programas de pós-graduação, nas associações de docentes e pesquisadores, nas ações governamentais e nos bancos escolares. Talvez, assim, daqui a alguns anos as distâncias entre a África e nossos estudantes não sejam mais oceânica.

Atualmente não temos um grande número de profissionais na área Diversidade racial o que gera desconhecimento e falta de interesse em se trabalhar o ensino de História e Cultura Africana, para que venham a combater o racismo e o preconceito, mas isso só será possível se os professores buscarem cada vez mais se capacitarem e se profissionalizarem em várias temáticas, principalmente no combate ao racismo e ao preconceito existente em nossa sociedade.

Ao serem questionados se os professores receberam das secretarias algum material didático sobre a Lei para a inclusão da temática no currículo das escolas e nas suas aulas, as professoras responderam que não receberam nenhum material e uma respondeu que comprou material por conta própria.

“Não, comprei um kit com umas cartilhinhas com conteúdos básicos para introduzir o conteúdo necessário” (Professora A)

“Não, a escola possui o material para trabalhar a cultura afro, porém não tive acesso ao material ainda” (Professora B)

“Não, faço uso de artigos pesquisados na internet para expor a Lei aos discentes” (Professora C)

“Não, recebi e nem comprei material com esta temática, todos que uso baixei da internet, inclusive quando trabalhei em São Paulo, por um ano recebi o currículo do ensino fundamental ciclo II e ensino médio e em nenhum momento ele faz referência a esta Lei”. (Professora E)

Diante das respostas das educadoras percebeu-se que as professoras estão lecionando sem receber nenhum tipo de material das secretarias para que sejam trabalhados em sala de aula a Lei 10.639/2003 e os aspectos da cultura afrobrasileira, de forma constante, sem que cause um silenciamento. Confirmando essas respostas Barros, (2010, p.22) afirma

Os professores em sua grande maioria que não tem recursos financeiros nem incentivos das instituições para buscar material de apoio, contam apenas com

livros didáticos que trás uma abordagem do negro carente de atualizações, onde a trajetória negra geralmente inicia e termina na escravidão, esquecendo de ressaltar a importância de negros e índios no processo histórico como sujeito

Ao analisar as respostas acima colocadas pelas professoras que estão condicionadas a trabalharem sempre com os livros didáticos que recebem da escola, os quais tratam da figura do negro de forma estereotipada e cheia de significados negativos, falam dos negros somente como escravos e sem cultura, como seres extremamente selvagens, transmitindo uma imagem miserável dos negros e afrodescendentes. Segundo Costa (2015, p.40)

[...] o material para trabalhar com a temática ainda é pouco presente nas escolas, o que podemos inferir que os materiais pedagógicos utilizados em sala de aula ainda privilegiam os valores europeus dominantes e não dão ao grupo negro a oportunidade de conhecer e valorizar sua história e cultura, tendo que aceitar a cultura que lhe é apresentada como única e melhor.

Assim, pode-se afirmar que a falta de conhecimento de grande parte da sociedade brasileira sobre a cultura africana e afrodescendentes deve-se a falta de informação de professores e também a sua formação frágil, além da falta de materiais que possam ser distribuídos nas escolas ou simplesmente por não disponibilizarem esses materiais para seus professores como afirma a professora B “Não, a escola possui o material para trabalhar a cultura afrobrasileira, porém não tive acesso ao material ainda”. Isso mostra que muitas escolas têm o material, mas só serve de enfeite nas suas bibliotecas ou salas de leituras, uma vez que não são disponibilizados aos professores, muito menos aos alunos.

As escolas ainda utilizam materiais e livros didáticos que dão mais importância ao processo de colonização e deixam de lado outras visões que poderiam desmistificar as já padronizadas, causando assim, silenciamento em relação a cultura africana e afrodescendente, como aponta Fernandes, (2005, p.380-381)

Currículos e manuais didáticos que silenciam e chegam até a omitir a condição de sujeitos históricos às populações negras e ameríndias têm contribuído para elevar os índices de evasão e repetência de crianças provenientes dos estratos sociais mais pobres. A grande maioria adentra nos quadros escolares e sai precocemente sem concluir seus estudos no ensino fundamental por não se identificarem com uma escola moldada ainda nos padrões eurocêntricos, que não valoriza a diversidade étnico-cultural de nossa formação.

Diante do que foi abordado nas respostas das professoras e na fala do autor, podemos afirmar que a escola em geral, ainda é negligente com a História e Cultura Africana e Afrobrasileira uma vez que não distribui de forma satisfatória materiais didáticos que torne conhecida a história dos africanos, como também de seus descendentes, que tanto influenciaram em nossa formação como sociedade formada por uma mistura de raças.

Continuando a análise, *quando perguntadas se tinham dificuldades para a aplicação da Lei 10.639/2003 e quais seriam elas*, a maioria das professoras respondeu que sim, como afirma as falas a seguir

“Sim, diante da realidade das nossas escolas, precisaríamos de um material didático para facilitar e melhorar o nosso trabalho como docente”.
(Professora A)

“Sim, A maior dificuldade para aplicar a Lei é justamente a forma superficial que esta temática aparece nos livros didáticos, isso porque ele ainda é um dos instrumentos mais utilizados por nós professores e alunos, no processo de ensino aprendizagem. A temática aparece de forma superficial e minimamente e o próprio calendário escolar nos restringe a trabalhar uma vez ou uma semana, no que se refere a cultura afro” (Professora E)

“Sim, devido ao fato de não conhecê-la detalhadamente”. (Professora F)

Através das respostas percebeu-se que as professoras ainda não estão preparadas para trabalharem de forma satisfatória a referida Lei, uma vez que tem dificuldades conforme vimos nas respostas acima, pelo fato de não terem tido uma formação que lhes dessem suporte para aplicar a Lei, de forma que venha a amenizar o preconceito e também o racismo dentro da sala de aula, em virtude do desconhecimento da história e cultura africana e afrobrasileira no ambiente escolar. Com base nessas falas Barros, (2010, p. 24) destaca

Para os educadores existe um grande desafio na atualidade: o de romper com os velhos paradigmas da sociedade. A julgar pelos valores enraizados durante todo processo de constituição da nossa identidade, a transformação de nossas mentalidades no sentido de buscar instrumentos para contemplar a diversidade em detrimento da cultura dominante, exige-se um árduo exercício de superação. Porém, há muitas razões para se considerar a importância de abraçar o desafio de educar para a diversidade: humanizar as relações sociais torna-se imperativo para uma convivência de respeito e harmonia entre os povos

Diante das respostas obtidas pode-se dizer que as maiores dificuldades enfrentadas pelas educadoras é a falta de materiais didáticos na escola, bem como a ausência de uma capacitação eficiente voltada para a temática, como também a falta de compromisso de alguns

professores para trabalharem o tema em suas aulas, ficando restrito somente ao que está estabelecida nos livros, visto que estes trazem a cultura negra e sua história de forma superficial e, muitas vezes, de forma folclorizada. Com base nisso Laureano (2008, p.3) diz

O esquecimento dos PCNs nos traz um alerta no sentido de não deixarmos morrer a lei 10639/03 para que não vire objeto de amostra sem utilidade. Tudo isso reforça a importância de escritos e palestras que destaquem os trabalhos realizados sobre a introdução da História da África e da cultura afro-brasileira nas escolas e, também, que visem à formação de professores nesta linha temática.

Nesta mesma linha de pensamento, Barros, (2010, p.24) continua dizendo que:

A escola se estabelece hoje como um dos principais espaços para a disseminação e fortalecimento de ideologias racistas, pois a mesma não sabe em pleno século XXI lidar com as diferenças existentes na sociedade, conseqüentemente não consegue conceber a idéia do diferente no seu cotidiano, da mesma forma que essas ações são reforçadas no livro didático tanto da educação infantil, como dos anos iniciais do Ensino Fundamental (Sic)

Assim, devido à falta de conhecimento das Leis a escola ainda enfrenta grandes desafios para trabalhar a temática em sala de aula, deixando visível a sua não contribuição efetiva e eficaz para a amenização do racismo e do preconceito, principalmente nos anos iniciais do ensino Fundamental, o qual deve ser ponto de partida para uma educação de forma antirracista e igualitária, independente de cor, raça ou etnia.

Ao serem questionadas sobre as metodologias usadas para trabalharem esta temática em suas aulas, sete professoras responderam que usavam metodologias, enquanto três disseram que não tem uma metodologia, conforme fala a Professora J “não tenho metodologia para a temática, uma vez que trabalho a história no geral e não por parte”. As demais afirmaram.

“Aulas expositivas, produção de cartazes, frases e exibição de pequenos textos e vídeos”. (Professora A)

“Pesquisas, trabalhos em grupo, teatro de fantoches, vídeos e músicas”. (Professora B)

“Aula expositivas, debates, imagens, documentos históricos, filmes, promoção de projetos, cultura material, literatura”. (Professora C)

Com base nas respostas percebeu-se que as professoras trabalham a temática em suas aulas, no entanto constatou-se também que são trabalhados de forma tradicional e superficial, ainda muito presas as ideias do passado e de forma isolada, presa ao livro didático, os quais mostram uma história irreal do povo africano e de seus descendentes. Para Lima (2010, p.32)

Outro agravante é o fato de que os profissionais da educação, muitas vezes, nem percebem a existência do racismo em sua prática ou em situações cotidianas escolares. Devido a este desconhecimento não são desenvolvidas práticas pedagógicas de valorização racial e principalmente, medidas cabíveis no combate à discriminação presentes no contexto escolar.

Ainda analisando as respostas e com base no que a autora discute fica claro que mesmo os professores trabalhando com a temática em sala de aula, esse trabalho ainda não é satisfatório, ou seja, constitui-se um conhecimento fragmentado e pouco significativo para os alunos, uma vez que existe um desafio por parte da escola de acabar com o desconhecimento de práticas raciais existentes dentro da escola, o que ocorre ainda pela incapacidade de muitos professores em trabalharem de forma que amenize o preconceito contra o negro e seu grupo étnico. Nessa linha de pensamento Ferreira, (2005, p.6) afirma

As reformas educativas muitas vezes consideram que a formação geral de qualidade dos alunos depende de uma formação de qualidade dos professores. Na reestruturação educativa de vários países, os professores aparecem como agentes inovadores nos processos pedagógicos, curriculares e organizacionais, para transformação da escola e dos sistemas escolares. Requer-se deles que sejam mais bem preparados para lidar com novas exigências curriculares, especialmente pelo desenvolvimento de competências e habilidades profissionais em novas condições e modalidades de trabalho.

Os professores para garantirem uma educação de qualidade e significativa devem sempre buscar se atualizarem e inovar cada vez mais no sentido de proporcionar uma aprendizagem satisfatória, que venha a amenizar o desconhecimento da cultura afrobrasileira, como também desenvolver práticas que amenizem o preconceito e o racismo em sala de aula, que segundo Borges (2010, p.74)

Sem dúvida, assumir essas responsabilidades implica compromisso com o em torno sociocultural da escola, da comunidade onde se encontra e à qual serve. Implica ainda compromisso com a formação de cidadãos atuantes e

democráticos, capazes de compreender as relações sociais e étnico-raciais das quais participam e que ajudam a manter e/ou a reelaborar.

Quando perguntadas *qual sua opinião diante dessa temática para a educação das crianças*, a maioria das pesquisadas respondeu de forma superficial, em virtude de não ser uma temática trabalhada por elas, de forma satisfatória, pois são abordadas apenas uma ou duas vezes por ano.

“É um tema muito bom, para o incentivo, a valorização da nossa cultura, conhecer um pouco de nossa história, uma vez que no mundo de hoje tá difícil inculcar nesses educandos a valorização principalmente de cultura, por isso é preciso começar cedo nos primeiros anos de vida escolar”.
(Professora A)

“O tema é importante porque pode despertar as crianças para aquisição de uma postura não preconceituosa com relação aos afrodescendentes e, portanto, contribui significativamente para a construção de uma sociedade mais justa”. (Professora C)

“É importante, uma vez que quanto mais cedo se comece essa prática mais se contribui para que nossa sociedade não assuma uma postura mais preconceituosa e mais discriminatória diante da diversidade de nosso povo”.
(Professora D)

Com base nas respostas percebeu-se que muitas professoras sabem da importância da temática em sala de aula, no entanto pode-se constatar que ainda falta uma capacitação adequada para as professoras terem a clareza que o ensino e o conhecimento desta temática só contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Nessa mesma linha de pensamento, Fernandes (2005, p.382) afirma

Somente o conhecimento da História da África e do negro poderá contribuir para se desfazer os preconceitos e estereótipos ligados ao segmento afro-brasileiro, além de contribuir para o resgate da auto-estima de milhares de crianças e jovens que se vêem marginalizados por uma escola de padrões eurocêntricos, que nega a pluralidade étnico-cultural de nossa formação.
(Sic)

E importante que os educadores busquem conhecer e trabalhar a temática em sala de aula para que possam amenizar situações que venham ocasionar preconceitos e racismo. Relacionado a isso Costa (2015, p.39). Afirma

[...] percebemos a relevância dos conhecimentos sobre a história e a cultura do povo negro para que os educadores trabalhem esses conteúdos em sala de aula, oportunizando aos educandos negros e não negros conhecer, valorizar e respeitar a história dos afro-brasileiros e, conseqüentemente, a sua história. (Sic).

Entendemos a importância e reconhecimento da história dos negros africanos e afrodescendentes no intuito de amenizar o preconceito tão frequente nos dias de hoje, em virtude do desconhecimento por parte de muitos educadores e sociedade referente a história da África e da cultura afrobrasileira, uma vez que a partir do momento que passamos a conhecê-las, ficará mais fácil combater os preconceitos. Com base nisso . Lima (2010, p.9). diz

O que se percebe é que, para a maioria dos envolvidos no processo da educação escolar, a exclusão do negro, seja ela no dia a dia da escola, seja por meio do material didático, não é percebida. Para muitos de nós, ainda existe uma névoa ideológica de que vivemos em uma democracia racial, o que não condiz com a realidade porque os negros estão afastados de seus direitos como cidadãos e ainda lutam por oportunidades semelhantes àquelas que são facilmente conquistadas pelos brancos

O que se percebeu nas falas das professoras e da autora foi que devido aos educadores em geral, não terem tido uma graduação que contemplasse o ensino de história e cultura afrobrasileira, muitos não se interessam em buscar, por conta própria, uma formação sobre a temática e não conseguem perceber que, de forma indireta, estão contribuindo para a exclusão dos negros e de seus afrodescendentes no ambiente escolar, pelo simples fato de não trabalharem a temática em sala de aula, e também devido à sua desinformação, desinteresse e comodismo, contribuem para perpetuação do racismo e do preconceito na Educação e, conseqüentemente, na sociedade.

CONSIDERAÇÕES

Pesquisar sobre o ensino de História da África e cultura afrobrasileira no Ensino Fundamental I, na cidade de Bonito de Santa Fé – PB foi importante para mostrar o que ainda precisa mudar nas instituições escolares referente ao conteúdo de História e Cultura da África, para que as escolas não omitam essa história e respeitem o que determina a Lei 10.639/03 de 09 de Janeiro de 2003, que visa o conhecimento e a valorização em todos os níveis e modalidades da Educação Básica desse conhecimento afrobrasileiro.

Com essa pesquisa, foi possível perceber que muitos educadores não estão preocupados em trabalhar a História Africana, deixando assim de oportunizar aos seus descendentes conhecerem a importância que tiveram e ainda tem no processo de construção da sociedade brasileira, levando muitos alunos oriundos desses grupos a desistirem da escola, por não se verem nela representados.

Com essa pesquisa, foi possível também identificar que muitos educadores não estão interessados na temática, pois uma vez que se as secretarias de educação municipais não oferecem formação voltada para o tema, os mesmos se acomodam e não procuram estas informações. Essa falta de formação gera desconhecimento e provoca distorções e omissões sobre a história e a cultura desse povo, distorções estas que estão diretamente ligadas ao despreparo dos educadores para trabalharem a temática em sala de aula.

Sabemos, ainda, que a escola tem como função social proporcionar novos conhecimentos aos educandos e também combater práticas preconceituosas em sala de aula, no entanto ela não está conseguindo fazer isso, pois nossas escolas ainda seguem o padrão eurocêntrico, transmitindo e impondo a todos uma única cultura, contribuindo para reforçar o desconhecimento e a importância do negro na sociedade.

A temática História da África e Cultura Africana É um tema que jamais o sistema educacional deve deixar de lado, pelo contrário deve se fazer mais estudos e pesquisas na área, para que possamos reparar as injustiças que foram e ainda são cometidas contra os negros, tanto no ambiente escolar, como na sociedade

Diante disto é necessário que haja um maior comprometimento das escolas como também dos docentes, em buscarem cada vez mais resgatar e trazer à tona a História e a Cultura Africana, não deixando-a ficar no esquecimento, que provoca até hoje desconhecimento e intolerância de muitos contra a figura dos negros e afrodescendentes,

cabe aos educadores buscarem uma formação específica sobre a temática para que consigam lidar com os diversos conflitos raciais que existem na sala de aula contra os alunos negros.

Assim os educadores precisam desenvolver estratégias pedagógicas que venham ajudar a toda a sua sala de aula a construir uma nova visão sobre os africanos, como também formular novos conceitos positivos com relação à História e Cultura da África e de seus descendentes, fazendo com que todos se respeitem, independentemente da cor de sua pele. Feito isto, os educadores estarão contribuindo para que se amenize o preconceito racial, tanto em sala de aula, como também, na comunidade e na sociedade em que os alunos estão inseridos.

.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Fernanda Lícia de Santana. **Desafios e possibilidades do ensino da cultura afro-brasileira no espaço escolar: o uso das pastas de textos**. Salvador, 2010.
- BORGES, Elisabeth Maria de Fatima. A Inclusão da História e da Cultura Afro-brasileira e Indígena nos Currículos da Educação Básica, **R. Mest. Hist., Vassouras**, v. 12, n. 1, p. 71-84, jan./jun., 2010
- COSTA, Maria Imaculada Bezerra Da, **Preconceito étnico racial no ensino fundamental em escolas públicas, na cidade de cajazeiras/PB**, cajazeiras- PB, 2015
- FERNANDES, José Ricardo Oriá. Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades. **Cad. cedes**, campinas, vol.25, n.67, p.378-388, set./dez.2005.
- FERREIRA, Cléa Maria da silva, formação de professores á luz da história e da cultura afro-brasileira: novas tendência, novos desafios para uma prática reflexiva/47ed-São Paulo ,**revista eletrônica**issn,2005.
- FIABANI, Adelmira **ÁFRICA NA SALA DE AULA: formação de professores através da extensão (sd)** Universidade Federal do Pampa – Campus. Jaguarão/RS.
- GONSALVES, elisapereira. **conversas sobre iniciação a pesquisa científica**, 3 ed. Campinas, sp; editora alínea, 2003
- HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A África na sala de aula: visita a história contemporânea/ São Paulo: selo negro**, 2005.
- LAUREANO, Marisa Antunes. O ensino de história da África. **Ciênc.Let.**, Porto Alegre, n.44, p.333-349, jul./dez.2008.
- LIMA, Fabiane Andréa da Silva Barcheski. **Lei 10.639/03: suas contribuições para uma educação igualitária-** LONDRINA – PR, 2010
- OLIVA, Anderson Ribeiro. **A História africana nas escolas brasileiras. Entre o prescritivo e o vivido, da legislação educacional aos olhares dos especialistas** – História, São Paulo, 2009.
- OLIVEIRA, Maria marly de, **como fazer pesquisa qualitativa** 2 ed. Petrópolis, RJ:vozes, 2008.
- SANTOS, Girlene tertto dos. **Entre teoria e vivências: o currículo na elaboração de saberes na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monsenhor Moraes (2000-2009)**,Cajazeiras-PB,2013.

APÊNDICE

Questionário

1°. Conhece a Lei 10.639/2003 e sua complementação 11.645/2008?

Sim () não () Comente um pouco sobre as mesmas.

2°. Durante seu tempo de trabalho como professora passou por alguma capacitação para aplicar a Lei em sua prática pedagógica.

Sim () não () Comente-a.

3°. Você recebeu da secretaria algum material didático sobre a Lei

Para a inclusão da temática no currículo da escola e nas suas aulas?

Sim () não () comprou materiais por conta própria ()

Comente quais materiais você usa.

4° você tem alguma dificuldade para a aplicação da Lei 10.639/2003?

() sim () não, quais são elas?

5° Quais metodologias você usa para trabalhar esta temática em suas aulas?.

6° Qual a sua opinião diante dessa temática para a educação das crianças? Justifique.